

O EXISTIR HUMANO NA OBRA DE LUDWIG BINSWANGER*

José Paulo Giovanetti
Faculdade de Filosofia CES-SJ (BH)
PUC-MG

* O presente texto resulta da comunicação apresentada no I Encontro Brasileiro de Análise Existencial Terapêutica, realizado no Rio de Janeiro, nos dias 10 e 11 de junho de 1989, tendo sofrido pequenas alterações.

A busca de uma base antropológica para o trabalho clínico é o grande desafio de nossa época para evitar a fragmentação no estudo do homem. O artigo analisa o esforço de L. Binswanger na construção de um método de análise empírico-fenomenológica dos modos de estruturas factuais do ser humano. Na primeira parte esboça os passos intelectuais de Binswanger na concretização do referido projeto; na segunda, traça as grandes linhas de sua antropologia fenomenológica, base de sua análise da presença humana (*Daseinsanalyse*).

The search for an anthropological base for clinical work is the great challenge of our epoch in order to avoid a fragmentation in the study of human being. This paper analyzes the effort of L. Binswanger in the construction of an empirical-phenomenological analysis method of the modes of factual structures of the human being, outlining, in the first part, the intellectual steps of Binswanger in the concretization of the referred project, and, in the second part, the principle lines of his phenomenological anthropology, which serves as the base for his human presence analysis (*Daseinsanalyse*).

Ludwig Binswanger é um pensador um pouco — para não dizer totalmente — desconhecido do grande público brasileiro, talvez porque suas idéias sejam mais conhecidas no meio psiquiátrico.

Dentre a vasta obra filosófica e psiquiátrica de Binswanger, temos, em português, somente o seu penúltimo livro, *Três for-*

mas de existência malograda. Esse desconhecimento se deve a dois fatores preponderantes. De um lado, a dificuldade de se penetrar no cerne de sua filosofia, pelo fato de sua obra principal ser extremamente densa. De outro, pela natureza mesma de seu trabalho, ou seja, a tarefa árdua de aplicar, na prática psicoterápica, suas concepções acerca da ciência psiquiátrica.

Com o objetivo de nos familiarizar com seu pensamento, dividirei esta exposição em duas partes: num primeiro momento, tratarei de esboçar os grandes passos de seu trajeto intelectual, para, num segundo momento, explicitar as linhas de força de sua antropologia fenomenológica, base de toda sua *Daseinsanalyse*.

1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025

I. A obra de L. Binswanger

1. Binswanger: um psiquiatra-filósofo

Ludwig Binswanger, psiquiatra suíço nascido em 1881, em Kreuzlingen, desempenhou um papel preponderante no desenvolvimento da Psiquiatria. Desde a infância teve contato com doentes mentais, uma vez que seu tio tinha fundado a clínica particular de "Bellevue" em Kreuzlingen. Com a morte de seu pai, em 1910, ele se tornou diretor da mesma com apenas 29 anos. Recusou vários convites para tornar-se professor universitário, a fim de permanecer como diretor da clínica, cargo que exerceria até 1956, dez anos antes de sua morte. Assim, podemos dizer que Ludwig Binswanger se orientou, dentro de uma tradição familiar, para a Psiquiatria.

Seu interesse pela Filosofia começou cedo, isto é, aos 18 anos, quando foi introduzido à leitura de Kant por seu professor de Humanidades¹. Desde esse momento, a Filosofia o atraiu cada vez mais, e o contato com o pensamento de Husserl lhe mostrou que a Fenomenologia era a via real para pensar toda a sua prática psiquiátrica. Foi também um homem que estabeleceu uma ponte entre os filósofos de seu tempo e os psiquiatras, pelo simples fato de haver recebido eminentes intelectuais — E. Husserl, M. Heidegger, M. Buber, M. Scheler, S. Freud, K. Löwith — na sua clínica, fazendo de Bellevue um centro natural de encontros entre filósofos, psiquiatras, psicólogos e artistas.

Podemos reunir seu trabalho intelectual² em torno de quatro direções: os escritos que explicitam a Fenomenologia, os estudos sobre a Psicanálise, os trabalhos clínicos que caminhavam na direção de uma antropologia e os estudos sobre artistas.

1. H. Heigelberg, *Phenomenology in Psychology and Psychiatry. A Historical Introduction*, Evanston, Northwestern University Press, 1972, p. 200.

2. Falaremos mais tarde de seu caminho intelectual, cujo percurso fenomenológico ele explicita no artigo "Dank an Edmund Husserl" in *Edmund Husserl (1859-1959)*, ed. N. L. Van Breda, The Hague Nijhoff, 1959, pp. 64-72, e sua relação com a Psicanálise no artigo "Mein Weg zu Freud" in *Der Mensch in der Psychiatrie*, Pfullingen, Gunther Neske, 1957.

Se afirmamos que Binswanger era um filósofo-psiquiatra, é necessário reconhecer, todavia, que a Filosofia o interessava à medida que podia fornecer-lhe as bases para o seu trabalho clínico. Durante toda a sua vida, Binswanger foi, antes de tudo, um psiquiatra. Toda a sua existência pode ser considerada como dedicada ao trabalho de cura dos doentes mentais. Ele percebeu que, para fazer a Psiquiatria progredir como ciência do psiquismo, seria necessário dar-lhe estatuto científico. Seu projeto intelectual era, pois, a constituição da Psiquiatria científica. Para ele, a Psiquiatria vivia dentro de um dilema do qual ela deveria sair: "Ela (a Psiquiatria) deve decidir se quer simplesmente permanecer uma ciência aplicada, um aglomerado de Psicopatologia, de Neurologia e de Biologia, mantidas juntas simplesmente pela sua tarefa prática, ou se quer tornar-se uma ciência psiquiátrica unitária"³.

3. L. Binswanger, "Psychanalyse et psychiatrie clinique" in *Discours, parcours et Freud*, Paris, Ed. Gallimard, 1970, pp. 152-153.

4. As palavras entre parênteses são nossas.

5. L. Binswanger, "Psychanalyse et psychiatrie clinique", op. cit. p. 125.

6. Idem, *ibidem*, p. 125.

7. Idem, *ibidem*, pp. 125-126.

8. Idem, *ibidem*, p. 127.

Encontrar um caminho novo para a Psiquiatria de sua época, tal era a tarefa de Binswanger. Foi por isso que dedicou uma grande parte de seu tempo ao estudo da Filosofia. Ele caracterizou a Psiquiatria de sua época como uma ciência que se encontrava diante de três vias, as quais não poderiam dar-lhe um estatuto científico. "Existem, na psiquiatria atual (de seu tempo e ainda hoje)⁴, três caminhos pelos quais chegaremos a unidades que merecem, a mais ou menos justo título, o nome de unidades de doença⁵. O primeiro caminho segue o método naturalista. A essência da doença é apreendida no momento em que nós detectamos as manifestações anormais, de tal sorte que elas expõem um processo biológico determinado, no qual conseguimos perceber o começo, o desenvolvimento e o fim. Dentro dessa perspectiva, as doenças mentais são doenças do cérebro"⁶.

O segundo caminho é aquele que utiliza a explicação psicobiológica: "A essência da doença residiria na predisposição do organismo psíquico, predisposição que até o presente não foi ainda elucidada"⁷. Dessa maneira, a essência da doença é concebida como alguma coisa que está fora da personalidade: é a perspectiva da síndrome.

A terceira via é a tentativa de explicar a doença a partir de transformações primárias da personalidade, isto é, o modo pelo qual a personalidade elabora psicologicamente certas experiências vividas no seu percurso histórico. Aqui reina o modo de observação puramente psicológico⁸. Esse tipo de abordagem constrói uma infra-estrutura conceptual a partir da qual se podem explicar todas as ações da pessoa. Todavia, para Binswanger, esse caminho é também um caminho do exterior, como os dois outros anteriores, que buscam compreender a

dimensão psicopatológica do homem como alguma coisa que vem do exterior ao organismo, sendo o psiquismo normal. Para Binswanger, essa perspectiva não capta a essência da doença.

Quando escreveu sobre a situação crítica da Psiquiatria, em 1920, Binswanger tinha diante de si o modelo de Psicanálise que trazia uma outra luz para a Psiquiatria, explicando a doença a partir da história pessoal de cada um. Ele o fez, então, inspirado na Psicanálise, para a qual a doença não é alguma coisa estranha à pessoa, pois não se pode perder de vista o todo da personalidade, devendo-se assim, compreender a doença dentro de um fluxo contínuo da vida⁹.

9. Idem, *ibidem*, p. 134.

Com o aparecimento do livro *Sein und Zeit* de Heidegger, em 1927, Binswanger vislumbrou um novo caminho para a Psiquiatria. Aparecia, diante dele, a nova direção da pesquisa antropológica na Psiquiatria, que não quer reduzir o homem a categorias biológico-naturalistas, nem a categorias tiradas das ciências do espírito, mas quer compreender o homem a partir do seu ser mais íntimo — o humano — e descrever as direções fundamentais, originais, desse Ser: “A doença mental é retirada do campo simplesmente natural, ela é também retirada do campo de um assunto mental, para ser compreendida e descrita a partir das possibilidades originais do ser homem”¹⁰.

10. L. Binswanger, “Freud et la constitution de la psychiatrie” in *Discours, parcours et Freud*, p. 187.

Essa perspectiva antropológica tomaria sua fonte de inspiração no pensamento de M. Heidegger e no de K. Löwith, como também no de M. Buber. Assim, só através de uma base antropológica é que Binswanger poderia tentar restaurar a unidade da Psiquiatria.

2. O desenvolvimento do pensamento binswangeriano

O pensamento de Binswanger esteve sempre em evolução: ele era um homem que se interrogava continuamente para melhor compreender as coisas. Assim, o encontro com Husserl lhe deu uma nova direção ao pensamento; a descoberta de Heidegger reorientou sua preocupação filosófica.

Queremos demarcar aqui duas fases no caminho intelectual de Binswanger. A primeira fase é sua tentativa de trazer para a Psiquiatria algo de novo, que poderia fazer dela uma ciência mais sólida, onde a compreensão da doença mental viria do interior mesmo da Presença (*Dasein*), e não de uma construção teórica que se acrescenta à pessoa. A segunda fase é a construção de um método que permite uma penetração no modo de vida do doente.

2.1. Binswanger I (1881-1929): os anos de pesquisa

Durante toda a sua vida, seus contatos com os intelectuais foram inúmeros, como já dissemos anteriormente, e a esses contatos pessoais podemos acrescentar os contatos indiretos, pela leitura da filosofia grega (Heráclito), de Shakespeare, de Goethe, de Kant etc. É justamente a partir desse diálogo que Binswanger vai desenvolver seu próprio caminho, que se pode resumir como a pesquisa da constituição de uma Psiquiatria científica.

Binswanger I pode ser caracterizado como o jovem Binswanger que pesquisava, mas não tinha ainda claro no espírito o modo de realizar seu ambicioso projeto. Essa pesquisa era possível porque o jovem intelectual sempre mostrou uma abertura de espírito para acolher toda contribuição nova e fecunda. Esse caminho filosófico, que o vai conduzir até Husserl, será mediatizado pelo neokantismo. O próprio Binswanger, em um artigo escrito em homenagem a Husserl, reconhece como ele está presente em todo o seu pensamento¹¹. Essa trajetória pode ser seguida em pormenores através de seu escrito de 1922 — *Einführung in das Problem der Allgeimeinpsychologie* —, pois é a partir desse ano que sua adesão à Fenomenologia como método de investigação será definitiva e marcará seu pensamento de maneira decisiva.

A segunda figura importante dessa primeira fase do seu pensamento foi Freud, com quem teve um encontro pessoal em 1907, em Viena. O resultado desse encontro foi sua adesão à Psicanálise e a sedimentação de uma longa amizade com seu criador, amizade que perdurará mesmo depois de sua ruptura intelectual com Freud. Se no início, porém, Binswanger ficara encantado com a Psicanálise, reconheceu, mais tarde, ser impossível fundar cientificamente a Psiquiatria a partir da Psicanálise. Mesmo assim, essa decepção não o impediu de mostrar uma grande admiração pelo pensamento freudiano, e a preocupação de um diálogo com a Psicanálise será algo que ele nunca afastará de suas convicções mais profundas.

O terceiro contato decisivo desse período foi o encontro com Heidegger, especialmente com suas obras *Sein und Zeit* e *Von Wesen des Grundes*, que forneceram a base ontológica da antropologia fenomenológica de Binswanger. A análise do *Dasein*, explicitada por Heidegger, revelou a Binswanger que o homem é um ser-no-mundo. Essa hermenêutica do *Dasein* como cuidado (*Sorge*) fez ver a Binswanger dimensões constitucionais do homem que nenhum outro pensamento explicitara com tamanha sutileza. Essa admiração antropológica, no sentido filosófico,

11. L. Binswanger, "Dank an Edmund Husserl" in *Edmund Husserl (1859-1959)*, ed. N. L. Van Breda, The Hague Nijhoff, 1959. Na p. 64, ele afirma: "Mein Weg von Kant zu Husserl ging über den Neukantianismus, und nie zuvörderst über Paul Natorp desgleichen aber auch über Dilthey, Stumpf, Bergson, Scheler, Pfänder, u.a."

permitiu a grande revolução no pensamento binswangeriano, e é justamente a partir dessa inspiração que ele começou a construir seu modelo de análise na Psiquiatria.

2.2. Binswanger II (1930-1966): a construção da Daseinsanalyse

A explicitação da *Daseinsanalyse*, que se constitui como método de investigação, permite o conhecimento da história existencial de uma pessoa. Podemos dizer que, a partir de 1930, com a publicação de *Traum und Existenz*, assistimos à construção de algo revolucionário em Psiquiatria. A partir desse escrito, que mostra que o sonho deve ser compreendido a partir da existência, Binswanger reorienta sua pesquisa, explicitando que o fundamento da Psiquiatria não pode ser fornecido pela reflexão metodológica sobre os instrumentos, mas deve oscilar em direção ao problema do que é o homem, isto é, uma reflexão sobre o homem como existente. Um segundo trabalho vem confirmar a nova via aberta por Binswanger: *Ideenflucht* é uma análise do mundo maniaco. A estrutura essencial é explicitada pela análise da fuga das idéias através das categorias de espaço, tempo, consistência etc.

Todavia, só em 1942 Binswanger publica sua obra filosófica mais importante: *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Dasein*, que será a sua antropologia fenomenológica, base da *Daseinsanalyse*. Essa antropologia é uma interrogação sobre os modos segundo os quais se revela a Presença humana. Ele quer completar a análise feita por Heidegger, pois o *Dasein* não deve ser só compreendido como cuidado (*Sorge*), mas também como amor (*Liebe*). A obra torna-se uma fenomenologia do amor, na qual o modo dual na sua manifestação amorosa aparece como o modo de ser mais fundamental do ser humano. A antropologia desenvolvida na primeira parte do livro é completada por uma segunda parte epistemológica sobre o conhecimento do *Dasein*. Roland Kuhn, discípulo direto de Binswanger, destaca a importância dessa obra: "A partir de 1942, as pesquisas de Binswanger não podem mais simplesmente se inscrever sob o título de uma antropologia, mesmo fenomenológica. Cada vez mais definido como liberdade, autêntica ou desfalecida, o ser homem é fundamentalmente presença, em que o ser em causa é sua própria possibilidade de ser"¹².

A aplicação de sua teoria vai-se concretizar com os trabalhos clínicos reunidos, em 1957, no livro *Schizophrenie*¹³, que contém cinco casos analisados logo após a publicação de *Grundformen*. São eles: O caso de Ellen West (1944-1945) o caso Ilse (1945), o

12. R. Kuhn; H. Maldiney, Prefácio à edição francesa de um conjunto de artigos de Binswanger intitulado *Introduction à l'analyse existentielle*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1971, p. 16.

13. L. Binswanger, *Schizophrenie*, Pfullingen, Gunther Neske, 1957.

caso Jürg Zund (1946-1947), o caso Lola Voss (1949); o caso Suzan Urban (1952-1953). Quase no mesmo período da reedição desses casos clínicos, surgem outros três estudos no livro *Drei Formen missglückten Daseins: Vertiegenheit, Versschrobenheit, Manieriertheit*¹⁴.

L. Binswanger, *Drei
nen....*, Tübingen, Ni-
yer, 1956.

Nesse período aparecem diversos artigos sobre a *Daseinsanalyse* e a Psicoterapia, em que se pode detectar a importância de Heidegger na constituição do referido método.

Não poderíamos deixar passar em branco os últimos dois livros de sua vida: *Melancholie und Manie: Phänomenologische Studien*, em que a melancolia e a mania não são abordadas através do estudo clínico, mas estudadas segundo o método da fenomenologia pura e transcendental husserliana, destacando-se mais a dimensão epistemológica do que a clínica. O último livro, sobre o delírio — *Wahn* —, contém uma análise fenomenológica e uma análise *daseinsanalítica* dessa maneira de ser do homem no mundo.

II. A antropologia fenomenológica de L. Binswanger

Tendo sido um dos responsáveis pela introdução da pesquisa fenomenológica da Psicopatologia através da criação da *Daseinsanalyse*, um método de análise da maneira pela qual o ser humano está no mundo, Binswanger estruturou toda uma antropologia fenomenológica que permitiu a análise de diversos tipos de psicopatologia. A esquizofrenia recebeu maior atenção nas suas análises.

Sobre essa pesquisa antropológica e sua relação com o pensamento de Heidegger, Binswanger afirma: "A analítica existencial (*Daseinsanalytik*) de Martin Heidegger representa uma ampla significação para a Psiquiatria: de um lado, apontando os limites atuais, ela dá à pesquisa empírica psicopatológica uma nova base objetiva e metodológica e, de outro lado, explicitando o conceito existencial da ciência, dá à Psiquiatria condições de avaliar a realidade, a possibilidade e os limites de seu projeto científico do mundo ou de seu horizonte de compreensão *transcendental*"¹⁵.

L. Binswanger, "Importance et signification de l'analyse existentielle de Martin Heidegger pour l'ac-tion de la psychiatrie à compréhension d'elle-même" in *Introduction à l'analyse existentielle*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1971, p. 247.

Em face da crise da Psiquiatria que não encontra sua unidade, Binswanger espera, do pensamento heideggeriano, um meio de ultrapassagem de suas divisões: "A analítica existencial fenomenológico-filosófica de Heidegger foi um elemento muito importante para a Psiquiatria, porque ela não se inquieta com certos territórios dos fenômenos ou objetos que 'no homem'

devem ser delimitados ou explicitados, mas com o ser do homem na sua totalidade”¹⁶.

Podemos perceber que o caminho para o estudo psicopatológico, para Binswanger, deve passar, ou melhor, estruturar-se a partir de uma análise global da existência humana.

A *Daseinsanalyse* busca compreender a doença como um modo de expressão do ser-no-mundo. Assim, Binswanger vai afirmar que aquilo a que se deve visar com a *Daseinsanalyse* não é compreender a estrutura do delírio, mas a do homem que delira, isto é, a estrutura de seu novo ser-no-mundo¹⁷.

Nessa perspectiva, o método desenvolvido por Binswanger tem como ponto de partida o *Sein und Zeit*. A análise existencial se edifica sobre a analítica existencial, que é, de alguma maneira, o seu fundamento, pois “como exploração empírico-fenomenológica dos modos e das estruturas determinadas do *Dasein*, a análise existencial toma emprestados da analítica existencial filosófica seus fios condutores”¹⁸.

A *Daseinsanalyse* se apresenta como um esforço para melhor compreender o comportamento e a experiência humanos. O próprio Binswanger nos diz: “A análise existencial satisfaz também a exigência psiquiátrica de uma inteligência mais profunda da essência e da origem dos sintomas psicopatológicos”¹⁹ à medida que, com esse novo método, o psiquiatra consegue “se comunicar de maneira inesperada com seus doentes, penetrar na sua história de vida, descrever e compreender seus projetos-de-mundo, ali onde isso pareceria, até o presente, impossível”²⁰.

1. A perspectiva antropológica da *Daseinsanalyse*

Os primeiros problemas com respeito à compreensão da perspectiva antropológica do pensamento de L. Binswanger surgem quando se procura uma tradução para a palavra *Dasein*. Em francês, por exemplo, a palavra *existência* foi proposta para traduzir o *Dasein* no pensamento de Binswanger, porém o próprio Binswanger²¹ questiona essa tradução, dizendo que, na França, o termo *existência* é ligado ao existencialismo, no qual a idéia de consciência tem lugar privilegiado com relação ao conceito de *Dasein*, que tem uma conotação ontológica proveniente do pensamento de Heidegger. Binswanger diz que *Dasein* compreende a alma e o corpo, o voluntário e o involuntário, o pensamento e a ação, a emotividade, a afetividade e o instinto, e que a idéia mais adequada para englobar tudo isso é aquela do Ser, porém *Ser* não como substantivo, mas como verbo, tal como *être*, *to be*, *esse*²².

16. Idem, *ibidem*, pp. 252-253.

17. L. Binswanger, “La *Daseinsanalyse* en Psychiatrie” in *L'Encéphale* n° 1, 1951, p. 112.

18. L. Binswanger, “Analytique Existentielle et Psychiatrie” in *Discours, par-cours et Freud*, Paris, Ed. Gallimard, 1970, p. 106.

19. L. Binswanger, “Sur la direction de recherche analytico-existentielle en Psychiatrie” in *Discours, par-cours et Freud*, p. 83.

20. Idem, *ibidem*, p. 84.

21. L. Binswanger, “La *Daseinsanalyse* in Psychiatrie” in *L'Encéphale* n° 1, 1951, pp. 108-113.

22. Idem, *ibidem*, p. 109. Apesar dessa contestação de Binswanger, a palavra *existência* prevaleceu na tradução francesa. Walter Biemel precisa melhor esse problema, quando diz que “o *Da* é o espaço aberto pela irrupção do homem. O homem compreendido como *Dasein* não é um simples objeto presente no espaço, como uma presa ou pedra, mas o ser que revela (abre) o espaço, e que é, ele mesmo, espacial, no sentido de que ele se espacializa. O *Da* não é, portanto, na terminologia heideggeriana, um simples aí, nem um lugar determinado no seio do espaço, mas, como Heidegger diz, uma zona desvelada (*devoilée*), a atividade desvelante (*devoilante*) do homem”. W. Biemel, *Le concept de monde chez Heidegger*, Louvain, Ed. Nauwelaerts, 1950, pp. 81-82.

Nós pensamos que a concepção de Binswanger de *Dasein* como ser tomado à *maneira verbal* traz à luz o *movimento* como característica essencial do homem. Assim, nas suas análises psicopatológicas, Binswanger vai procurar mostrar que é necessário compreender não as atitudes isoladas do paciente, mas o movimento de sua vida, através da captação da vivência espacial e temporal. Para guardar a significação plena do significado de Binswanger, a tradução mais conveniente seria *Presença*, como termo que captaria o movimento próprio da constituição do homem. Aqui, a concepção de Binswanger se aproxima de uma maneira mais estreita do pensamento de M. Heidegger. A preocupação de ambos será a de fazer uma análise do *Dasein*, mas a sua maneira de trazer à luz o próprio *Dasein* se concretiza de maneira diferente. A análise heideggeriana é ontológica, e a análise binswangeriana é antropológica. Escutemos o próprio Binswanger: "Por *analítica do Dasein* eu entendo a classificação filosófico-fenomenológica da estrutura *a priori* ou transcendental do *Dasein* como ser-no-mundo, devida a Heidegger; por *análise do Dasein*, a análise empírico-fenomenológica, científica, dos modos de estruturas factuais do *Dasein*. Porém esta segunda só é possível sobre a base da primeira"²³.

23. L. Binswanger, "Analytische existentielle et Psychiatrie" in *Discours, parcours et Freud*, Paris, Ed. Gallimard, 1970, p. 86.

2. Os principais eixos da Análise da Presença Humana

A *Daseinsanalyse*, que é uma análise empírico-fenomenológica dos modos do *Dasein*, faz-se a partir de sua antropologia fenomenológica, explicitada no *Grundformen*. O que interessa ao analista antropológico-fenomenólogo são os modos de ser a partir dos quais se revela a *Presença Humana*, e que se exprimem, para Binswanger, através dos temas fundamentais, denominados: dualidade, pluralidade e singularidade. O conjunto dessas formas constitui as maneiras através das quais se articulam o *ser-no-mundo* (*In-der-Welt-Sein*) e o *ser-além-do-mundo* (*Über-die-Welt-hinaus-Sein*), compreendidos antropológicamente, e não como formas que implicam uma escolha preferencial de uma sobre a outra, ou que uma deva ser explicitada antes da outra. A análise dessas formas constitui a antropologia fenomenológica de Binswanger.

2.1. A modalidade dual

A primeira modalidade que será examinada por Binswanger é a forma dual, que possui duas expressões: o amor e a amizade. A questão que deve ser posta é: como se manifestará o existir humano nessa forma de ser?

A maneira de ser a dois no mundo dual deve ser compreendida a partir do fato de que um não está simplesmente ao lado do outro, como, por exemplo, numa torcida num campo de futebol, mas que deve existir uma relação entre eles. Essa relação deve ser de *reciprocidade*, tanto de um com relação ao outro, como do outro com relação ao primeiro. É por isso que Binswanger usa a expressão *Miteinandersein* para caracterizar essa relação, cujo significado mais próprio seria "*ser-em-relação-de-reciprocidade*". Essa maneira de ser pode ser caracterizada como uma unidade na dualidade. Assim, "o sentido da dualidade, o fato de ser dois à maneira do *nós* do amor, é totalmente diferente do sentido de ser dois no qual um está em oposição ao outro, aos quais se podem juntar, dos dois lados, um terceiro, um quarto, um quinto, até um número x, sem que aí exista uma mudança de estrutura do *ser-com*"²⁴.

Existe no *ser-em-relação-de-reciprocidade*, tanto no amor como na amizade, uma penetração de um no outro, e não somente uma postura de um ao lado do outro.

Essa unidade na dualidade é possível porque o princípio organizador que rege a relação entre um e outro é o encontro (*Begegnung*). A perspectiva de uma compreensão antropológica desse princípio organizador é que nos possibilita afirmar que a compreensão do *ser-em-relação-de-reciprocidade*, tanto na forma de amizade como na forma do amor, não pode ser "mostrada" e discutida numa concepção categorial, mas somente numa "expressão antropológica"²⁵. O *ser-em-relação-de-reciprocidade* nas formas do amor e da amizade são duas manifestações diferentes do encontro. "O amor e a amizade mostram a mesma estrutura fundamental antropológica"²⁶, cada um com suas características próprias.

Assim, o amor e a amizade não podem ser concedidos como "objeto de julgamento psicológico", dos quais se poderiam citar as características comuns e as que os distinguem. Nós só chegaremos ao "fundamento" à medida que guardarmos, em nossa perspectiva, a estrutura antropológica comum do amor e da amizade, e à medida que procurarmos as particularidades de sua maneira de ser que nos impulsionam a falar da maneira de ser amorosa e da "maneira de ser amical do encontro"²⁷.

Justamente para marcar essa perspectiva antropológica é que Binswanger, num artigo publicado em 1941, um ano antes da publicação do *Grundformen*, afirmava: "O amor e a amizade são uma relação originária primária, isto é, uma relação originária primária antropológica que não pode ser derivada mais longe"²⁸.

24. L. Binswanger, *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*, Munique-Basileia, Ernest Reinhardt Verlag, 5ª ed., 1973, p. 382.

25. Idem, *ibidem*, p. 227.

26. Idem, *ibidem*, p. 222.

27. Idem, *ibidem*, p. 222.

28. L. Binswanger, "Sprache, Liebe und Bildung" in *Confinia Psychiatrica*, vol. II (1959) nº 3-4, pp. 139-140. Essa conferência foi pronunciada pela primeira vez em Lucerna, em 1941.

O problema seria, agora, desenvolver as nuances de cada uma das formas da dualidade, tarefa impossível neste breve artigo.

2.2. A modalidade plural

As manifestações da modalidade dual — o amor e a amizade — são os modos da Presença em que se exprime o autêntico encontro interumano, ou seja, em que, de uma forma total ou parcial, a relação entre o Eu e o Tu atingem sua plenitude.

A segunda modalidade segundo a qual se articula a Presença humana, e que constitui o segundo eixo da antropologia binswangeriana, é a modalidade plural. A pluralidade é a forma fundamental ou o modo do ser humano em que duas ou mais pessoas estão em oposição à dualidade do Eu e Tu²⁹. Em todas as formas da pluralidade, o Tu não se manifestará com toda a sua autenticidade. Aqui, o *Dasein* cai nas manifestações limitativas, de quantidade. Ele vai deixar-se somar (ser captado) nas relações em que o Tu será absorvido pelas relações de utilidade e de instrumentalidade³⁰, no sentido heideggeriano do termo.

Se na modalidade dual é o encontro que rege todas as manifestações dessa modalidade, aqui, é a partir do princípio de *Discursividade* que se articulam todas as formas da modalidade plural. A *Discursividade* é entendida por Binswanger como “fundamento do ser-no-mundo, tomado principalmente como um ser determinado pela situação final”³¹. A discursividade é o princípio organizador que se estende sobre o ser humano limitado à finitude.

A modalidade plural será percebida a partir dos diferentes modos do *ser-com* um outro ou muitos outros, isto é, as *relações* que no cotidiano visam a desintegrar a verdadeira relação entre o Eu e o Tu. As formas de modalidade plural podem articular-se em duas direções: primeiro, a relação do ser humano com qualquer coisa, ou seja, com fenômenos que constituem o mundo circundante (*Umwelt*); segundo, a relação do ser humano com os outros seres humanos, ou seja, com fenômenos que constituem o mundo social (*Mitwelt*). Resumindo, podemos dizer que o *Mitsein* se manifesta no *Umwelt* e no *Mitwelt*.

Cada modo de *ser-com* é uma maneira antropológica específica de a Presença se manifestar e revela a especificidade do *ser-no-mundo cotidiano*, isto é, a experiência da estrutura do ser e, com isso, da sua diferenciação do ser, da multiplicidade do ser ou da determinação do ser. Segundo Binswanger, o modo plural

29. L. Binswanger, *Grundformen...*, p. 382.

30. A utilidade (*Zuhandenheit*) e a instrumentalidade (*Zeughaftigkeit*) são compreendidas como modos de apreensão de um ser.

31. L. Binswanger, *Grundformen...*, p. 347.

apresentará formas de manifestações, tanto no *Umwelt* como no *Mitwelt*, impossíveis de serem aqui analisadas.

2.3. A modalidade singular

A singularidade é o terceiro eixo da antropologia binswangeriana. Ela revela o modo segundo o qual o *Dasein* (Presença) está em relação consigo mesmo, ela é o *ser-em-si-mesmo*. Como os modos precedentes, a singularidade deve ser compreendida como uma dimensão do *Dasein* que está sempre em relação com as outras duas modalidades. Assim, a singularidade não é um elemento numérico da pluralidade, porque a singularidade significa postura própria no mundo, qualquer coisa de excepcional³².

32. Idem, *ibidem*, p. 382.

Podemos encontrar duas manifestações da singularidade, ou melhor, duas maneiras diferentes de ela se explicitar. A primeira forma é o *ser-em-direção-de-si-mesmo* (*Das Zu-Sich-Selbst-Sein*), isto é, ele se refere a suas manifestações concretas finitas, e por isso está em estreita relação com o modo da pluralidade. A segunda forma é o ser como tendência a *seu próprio fundamento* (*Sein-zum-Grunde*). Cada uma dessas duas formas vai ter implicações diferentes.

Aqui, também, como aconteceu no modo dual e no modo plural, existe um princípio organizador antropológico que possibilita a explicitação das diferentes maneiras concretas do ser-no-mundo. Na singularidade, esse princípio organizador é a *Existência*³³. Assim, o *Dasein* se refere, aqui, a uma outra parte de si, isto é, a um outro papel que ele pode explicitar no mundo. A singularidade corresponde à revelação do mundo próprio (*Eigenwelt*) do ser humano. Segundo Binswanger, a Psicanálise é o método científico-empírico que nos ajuda a analisar o mundo próprio da Presença.

33. Idem, *ibidem*, p. 383. Aqui, o sentido de existência é totalmente diferente daquele de Heidegger, porque, para Heidegger, a existência é um princípio ontológico. Em Binswanger, o sentido de existência deve ser compreendido na perspectiva antropológica: "Existiren heisst dass sich Dasein als endliches, als je meines, stetig erstreckt, in der Existenz werde ich der, der ich — als in das Sein Geworfener — je schon bin, nämlich Ich-Selbst, im reifendem, entschlossenen, fragenden Bodenfassen im Grunde".

Conclusão

O psiquiatra-filósofo deixa perceber, ao longo de toda a sua trajetória de vida, o esforço que empregou para dar à Psiquiatria uma unidade e um *status* científico. Assim, o esforço sobre-humano travado com a ajuda do diálogo com as correntes do pensamento filosófico, psiquiátrico e psicológico de sua época o levou a se inspirar na Fenomenologia para realizar sua ambiciosa tarefa.

Dessa maneira, Binswanger está convencido de que só na reflexão antropológica de inspiração fenomenológica existencial será

possível repensar a doença mental. A pergunta sobre o modo de existir do homem será capaz de fornecer a base sólida para compreender o homem na sua cotidianidade.

Assim, a elaboração da *Daseinsanalyse*, que nada mais é do que um método puramente antropológico de investigação que se traduz pelo exame e pela elucidação fenomenológica da essência da Presença humana, possibilita perceber o homem para além da distinção entre o são e o doente.

A elaboração de sua antropologia fenomenológica existencial abre as portas para as análises psicopatológicas, e a doença pode ser compreendida como um *modo-de-ser* do homem, como uma postura que engaja toda a sua Presença, superando uma concepção biológico-mecanicista da doença mental. Está aberto um novo caminho para o trabalho dos psiquiatras e psicólogos do nosso tempo.